

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

MARÇO DE 1859

Nº 3

Estudo Sobre os Médiuns

Como intérpretes das comunicações espíritas, o papel dos médiuns é extremamente importante e nunca daríamos demasiada atenção ao estudo de todas as causas que os podem influenciar, não apenas em seu próprio interesse, mas, também, no daqueles que, não sendo médiuns, deles se servem como intermediários, a fim de poderem julgar o grau de confiança que merecem as comunicações que recebem.

Já dissemos que todas as pessoas, em maior ou menor grau, são médiuns. Entretanto, convencionou-se dar esse nome àqueles cujas manifestações são patentes e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes últimos as aptidões são muito diversas: pode-se dizer que cada um tem a sua especialidade. Num primeiro exame, duas categorias se desenham muito nitidamente: os médiuns de efeitos físicos e os médiuns de efeitos intelectuais. Os derradeiros apresentam numerosas variedades, das quais as principais são: os escreventes ou psicógrafos, os desenhistas, os falantes³, os audientes e os videntes. Os médiuns poetas, músicos e políglotas são variedades dos escreventes e falantes. Não voltaremos às definições que já fornecemos sobre esses diversos

gêneros; apenas queremos lembrar o conjunto, de maneira sucinta, para maior clareza.

De todos os gêneros de médiuns o mais comum é o psicógrafo⁴; é a modalidade mais fácil de ser adquirida pelo exercício. Eis por que, e com razão, para ela geralmente são dirigidos os desejos e os esforços dos aspirantes. Apresenta duas variantes, igualmente encontradas em diversas categorias: os escreventes mecânicos e os escreventes intuitivos. Nos primeiros o impulso da mão independe da vontade: move-se por si mesma, sem que o médium tenha consciência daquilo que escreve, podendo, inclusive, estar pensando em outra coisa. No médium intuitivo o Espírito age sobre o cérebro; seu pensamento, por assim dizer, atravessa o pensamento do médium, sem que haja confusão. Conseqüentemente, ele tem consciência do que escreve, por vezes até mesmo uma consciência antecipada, por isso que a intuição algumas vezes precede o movimento da mão; entretanto, o pensamento expresso não é o do médium. Uma comparação muito simples far-nos-á compreender esse fenômeno. Quando queremos falar com alguém cuja língua não sabemos, servimo-nos de um intérprete; este tem consciência do pensamento dos interlocutores; deve entendê-lo para o poder expressar e, no entanto, esse pensamento não é dele. Pois bem! O papel do médium intuitivo é o de um intérprete entre nós e o Espírito. Ensinou-nos a experiência que os médiuns mecânicos e os intuitivos são igualmente bons, igualmente aptos a receber e a transmitir boas comunicações. Como meio de convicção, sem dúvida, os primeiros valem mais; quando, porém, a convicção é adquirida não há preferência útil. A atenção deve voltar-se inteiramente para a natureza das comunicações, isto é, para a aptidão do médium em receber as comunicações dos Espíritos bons e maus; sob esse aspecto, podemos dizer se ele é bem ou mal assistido. Toda a questão se resume nisso, e essa questão é capital, porquanto somente ela pode determinar o grau de confiança que ele merece;

4 N. do T.: Hoje parece ser mais comum a mediunidade de psicofonia.

é o resultado de estudo e observações, pelo que recomendamos nosso artigo anterior sobre os escolhos dos médiuns.

Com o médium intuitivo a dificuldade consiste em distinguir os pensamentos que lhe são próprios daqueles que lhe são sugeridos. Essa dificuldade também existe para ele; o pensamento sugerido parece-lhe tão natural que muitas vezes o toma como seu, duvidando de sua faculdade. O meio de o convencer e de convencer os outros é exercitar essa faculdade com freqüência. Então, no número das evocações às quais prestará seu concurso, inúmeras circunstâncias se apresentarão, uma porção de comunicações íntimas, de particularidades das quais não poderia ter nenhum conhecimento prévio e que demonstrarão, de maneira irrecusável, a completa independência do seu Espírito.

As diferentes variedades de médiuns repousam sobre aptidões especiais, cujo princípio até agora não conhecemos perfeitamente. À primeira vista e para as pessoas que não fizeram um estudo sistematizado dessa ciência, parece não ser mais difícil a um médium escrever versos do que escrever prosa; dir-se-á, sobretudo se for médium mecânico, que tanto pode o Espírito fazê-lo escrever numa língua estranha quanto desenhar ou ditar música. Entretanto, não é assim que acontece. Embora a todo instante estejamos vendo desenhos, versos e músicas feitos por médiuns que, em seu estado normal não são desenhistas, nem poetas, nem músicos, nem todos são aptos à produção dessas coisas. Apesar de sua ignorância, possuem uma faculdade intuitiva e uma flexibilidade que os transformam nos mais dóceis instrumentos. Foi o que muito bem exprimiu Bernard Palissy quando lhe perguntaram por que havia escolhido o Sr. Victorien Sardou, que não sabe desenhar, para fazer seus admiráveis desenhos; *é porque* – respondeu ele – *eu o acho mais flexível*. O mesmo acontece com outras aptidões e, coisa bizarra, vimos Espíritos que se recusavam a ditar versos a médiuns que conheciam a poesia, ao passo que ditavam encantadores poemas a outros que

lhes desconheciam as regras. Isso vem provar uma vez mais que os Espíritos têm livre-arbítrio e que é inútil tentar submetê-los aos nossos caprichos.

Resulta das observações precedentes que o médium deve seguir o impulso que lhe é dado, conforme sua aptidão; que deve procurar aperfeiçoar essa aptidão pelo exercício, sabendo que é inútil tentar adquirir a que lhe falta, por prejudicial à que possui. De maneira alguma devemos forçar nosso talento, pois nada faríamos com perfeição, disse La Fontaine; e podemos acrescentar: nada faríamos de bom. Quando um médium possui uma faculdade preciosa com a qual pode tornar-se verdadeiramente útil, que se contente com ela e não procure uma vã satisfação ao amor-próprio numa variante que enfraqueceria a faculdade primordial. Se esta deve ser transformada, o que muitas vezes acontece, ou se deve adquirir uma nova, isso virá espontaneamente e não por efeito de sua vontade.

A faculdade de produzir efeitos físicos constitui uma categoria bem nítida que raramente se alia às comunicações inteligentes, sobretudo àquelas de elevado alcance. Sabe-se que os efeitos físicos são peculiares aos Espíritos de classe inferior, como entre nós as demonstrações de força são características dos saltimbancos. Ora, os Espíritos batedores pertencem a essa classe inferior; agem o mais das vezes por conta própria, para se divertirem ou vexarem os outros, mas algumas vezes, também, por ordem dos Espíritos elevados, que deles se servem, como nós dos trabalhadores braçais. Seria absurdo acreditar que os Espíritos superiores viessem divertir-se em bater nas mesas ou fazê-las girar. Eles se servem desses meios, dizemos nós, através de intermediários, seja para convencer-nos, seja para comunicar-se conosco quando não dispomos de outros meios; mas os abandonam tão logo possam agir de modo mais rápido, mais cômodo e mais direto, como nós abandonamos o telégrafo aéreo desde que passamos a ter o telégrafo elétrico. De modo algum os

efeitos físicos devem ser desprezados, porque, para muitas pessoas, são um meio de convicção; aliás, eles oferecem precioso material de estudo sobre as forças ocultas; mas é notável que os Espíritos geralmente os recusam aos que deles não necessitam ou, pelo menos, os aconselham a com eles não se ocuparem de modo particular. Eis o que a propósito ditou o Espírito São Luís, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*:

“Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquelas foram o vestíbulo da ciência, onde, ao entrar, devemos deixar os preconceitos, assim como se deixa a capa. Não vos poderei senão estimular a fazer de vossas reuniões uma assembléia séria: que se façam demonstrações físicas, que se veja, que se escute, mas *que entre vós haja compreensão e amor*. O que imaginais parecer aos olhos dos Espíritos superiores quando fazeis girar uma mesa? Ignorantes. O sábio gastará seu tempo em repisar o á-bê-cê da Ciência? Ao contrário, em vos vendo rebuscar as comunicações inteligentes e instrutivas, sereis considerados como homens sérios, em busca da verdade.”

É impossível resumir de maneira mais lógica e mais precisa o caráter dos dois gêneros de manifestações. Aquele que recebe comunicações elevadas deve-as à assistência dos Espíritos bons: é uma prova da simpatia destes por ele; renunciar a elas para procurar os efeitos materiais é deixar uma sociedade de escol por outra mais ínfima. Querer aliar as duas coisas é atrair todos os seres antipáticos e, nesse conflito, é provável que os bons se vão e que os maus permaneçam. Longe de nós desprezar os médiuns de efeitos físicos; eles têm sua razão de ser, seu objetivo providencial; prestam incontestáveis serviços à ciência espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que o põe em contato com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou que deseje outras, a não ser por ignorância. Muitas vezes a ambição de querer ser tudo faz com que se acabe não sendo nada.

Médiuns Interesseiros

Em nosso artigo sobre os escolhos dos médiuns colocamos a cupidez no rol dos defeitos que podem dar guarida aos Espíritos imperfeitos. Alguns desenvolvimentos sobre esse assunto não serão inúteis. É preciso colocar na linha de frente dos médiuns interesseiros aqueles que poderiam fazer de sua faculdade uma profissão, dando o que se denomina de consultas ou sessões remuneradas. Não os conhecemos, pelo menos na França, mas como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada haveria de surpreendente em que um dia quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como eles enfrentariam o fato, caso se tentasse introduzir uma tal especulação. Mesmo parcialmente iniciado no Espiritismo, compreende-se quanto seria aviltante semelhante especulação; entretanto, quem quer que conheça um pouco as difíceis situações enfrentadas pelos Espíritos para se comunicarem conosco, sabe quão pouco é necessário para os afastar, assim como conhece sua repulsa por tudo quanto represente interesse egoísta; por isso, jamais poderão admitir que os Espíritos superiores se submetam ao capricho do primeiro que os venha evocar, em tal ou qual hora; o simples bom-senso repele essa suposição. Não seria também uma profanação evocar o pai, a mãe, o filho ou um amigo por semelhante meio? Sem dúvida pode-se obter comunicações deste modo, mas só Deus sabe de que procedência! Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos, zombadores e toda a corja de Espíritos inferiores vêm sempre; estão sempre dispostos a responder a tudo. Outro dia São Luís nos dizia, na Sociedade: *Evocai um rochedo e ele vos responderá*. Aquele que deseja comunicações sérias deve, antes de tudo, instruir-se sobre a natureza das simpatias do médium com os seres de além-túmulo. Ora, aquelas que são dadas mediante pagamento não podem inspirar senão uma confiança bem medíocre.

Médiuns interesseiros não são unicamente os que poderiam exigir uma retribuição material; o interesse nem sempre

se traduz na esperança de um ganho material mas, também, nas ambições de qualquer natureza, sobre as quais pode fundar-se a esperança pessoal; é ainda uma anomalia de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem aproveitar, e com uma destreza e uma desfaçatez verdadeiramente notáveis, embalando enganadoras ilusões aqueles que assim se colocam sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem e os Espíritos bons se afastam de quem quer que pretenda transformá-la em trampolim para alcançar seja o que for que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os Espíritos bons o combatem e, portanto, não se deve imaginar que se sirvam dele. Isto é tão racional que seria inútil insistir mais sobre esse ponto.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria. Sendo tais efeitos produzidos por Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais, um médium dessa natureza que quisesse explorar a sua faculdade poderia encontrar quem o assistisse sem muita repugnância. Mas também aí se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, assim como o de comunicações inteligentes, não recebeu essa faculdade para seu bel-prazer; ela lhe foi dada com a condição de usá-la adequadamente: se abusar, poderá ser retirada ou trazer-lhe prejuízos porque, definitivamente, os Espíritos inferiores estão às ordens dos Espíritos superiores. Os inferiores adoram mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Se de boa vontade se prestam às brincadeiras e às questões curiosas, assim como os demais não gostam de ser explorados, provando a todo instante que têm vontade própria e agindo como e quando melhor lhes pareça; isto faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da realidade das manifestações que o médium escrevente. Pretender produzi-los a dia e hora marcados seria dar provas da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar o seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que poderá acontecer não apenas aos que disso fizerem uma profissão declarada, como

também às pessoas aparentemente simples, que se limitam a receber uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito nada produz, o próprio médium supre a sua deficiência: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro...! É uma tese que desenvolvemos em artigo especial, visando a prevenir a fraude.

De tudo quando precede, concluímos que a maior garantia contra o charlatanismo é o mais absoluto desinteresse, por isso que não há charlatães desinteressados; se isso nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, retira aos Espíritos maus um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

Fenômeno de Transfiguração

Extraímos o seguinte fato de uma carta que nos foi escrita em setembro de 1857, por um de nossos correspondentes de Saint-Etienne. Após referir-se a diversas comunicações de que foi testemunha, acrescenta:

“Dá-se um fato extraordinário numa família de nossos arredores. Das mesas girantes passou-se à poltrona que fala; depois um lápis foi ligado ao pé dessa poltrona e ela indicou a psicografia; praticaram-na durante muito tempo, mais como brincadeira do que como coisa séria. Por fim a escrita designou uma das moças da casa, ordenando que lhe passassem as mãos sobre a cabeça depois que a fizessem deitar; ela adormeceu quase imediatamente e, depois de um certo número de experiências, transfigurou-se: tomava os traços, a voz e os gestos de parentes mortos, dos avós que não havia conhecido e de um irmão falecido há alguns meses. Essas transfigurações ocorriam sucessivamente numa mesma sessão. Disseram-me que ela falava um dialeto que não é mais o do nosso tempo, pois não conheço nem o antigo, nem o atual. O que posso afirmar é que numa sessão onde havia tomado a aparência do

irmão, vigoroso e decidido, essa mocinha de treze anos deu-me um rude aperto de mão.

“Esse fenômeno repete-se constantemente, da mesma maneira, há dezoito meses, mas somente hoje produziu-se espontânea e naturalmente, sem imposição das mãos.”

Apesar de bastante raro, esse estranho fenômeno não é excepcional; já nos falaram de diversos fatos semelhantes e nós mesmos fomos testemunhas de algo parecido em sonâmbulos no estado de êxtase e até nos extáticos que não se encontravam em estado sonambúlico. Além disso, é certo que emoções violentas operam sobre a fisionomia uma mudança que lhe dá uma expressão completamente diferente daquela do estado normal. Não vemos, do mesmo modo, criaturas cujos traços móveis se prestam à vontade a modificações que lhes permitem tomar a aparência de outras pessoas? Por aí se vê que a rigidez da face não é tal que não possa prestar-se a modificações passageiras mais ou menos profundas, e não há nada de surpreendente que um fato semelhante possa ocorrer neste caso, embora, talvez, por uma causa independente da vontade.

A propósito, eis as respostas que foram dadas por São Luís no dia 25 de fevereiro último, em sessão da Sociedade:

1. O caso da transfiguração de que acabamos de falar é real?

Resp. – Sim.

2. Nesse fenômeno existe um efeito material?

Resp. – O fenômeno da transfiguração pode ocorrer de modo material, a tal ponto que nas diferentes fases em que se apresenta poderia ser reproduzido em daguerreotipia.

3. Como se produz esse efeito?

Resp. – A transfiguração, como o entendeis, nada mais

é que uma modificação da aparência, uma mudança ou uma alteração das feições que pode ser produzida pela ação do próprio Espírito sobre o seu envoltório ou por uma influência exterior. O corpo não muda jamais; todavia, em consequência de uma contração nervosa, adquire aparências diversas.

4. Pode acontecer sejam os espectadores enganados por uma falsa aparência?

Resp. – Pode também acontecer que o perispírito represente o papel que conheceis. No fato citado houve contração nervosa e a imaginação o aumentou bastante. Aliás, esse fenômeno é muito raro.

5. O papel do perispírito seria análogo ao que se passa no fenômeno de bicorporeidade?

Resp. – Sim.

6. Então, nos casos de transfiguração é necessário que haja o desaparecimento do corpo real, a fim de que os espectadores não vejam senão o perispírito sob uma forma diferente?

Resp. – Não propriamente desaparecimento físico e sim *ocusão*. Entendei-vos sobre as palavras.

7. Parece resultar do que acabais de dizer que no fenômeno da transfiguração podem ocorrer dois efeitos: 1^o – Alteração dos traços do corpo real em consequência de uma contração nervosa; 2^o – Aparência variável do perispírito, tornado visível. É assim que devemos entender?

Resp. – Certamente.

8. Qual a causa primeira desse fenômeno?

Resp. – A vontade do Espírito.

9. Todos os Espíritos podem produzi-lo?

Resp. – Não; nem sempre os Espíritos podem fazer o que querem.

10. Como explicar a força anormal dessa mocinha, transfigurada na pessoa de seu irmão?

Resp. – Não possui o Espírito uma grande força? Aliás, é a do corpo em seu estado normal.

Observação – Esse fato nada tem de surpreendente. Muitas vezes vemos pessoas muito fracas dotadas momentaneamente de uma força muscular prodigiosa, devido a uma superexcitação.

11. No fenômeno da transfiguração, já que o olho do observador pode ver uma imagem diferente da realidade, dar-se-á o mesmo em certas manifestações físicas? Por exemplo, quando uma mesa se ergue sem contato das mãos e a vemos acima do solo, é realmente a mesa que se deslocou?

Resp. – Ainda o perguntais?

12. Quem a levanta?

Resp. – A força do Espírito.

Observação – Esse fenômeno já foi explicado por São Luís e tal questão já foi tratada de modo completo nos números de maio e junho de 1858, a propósito da teoria das manifestações físicas. Foi-nos dito, neste caso, que a mesa ou qualquer outro objeto que se move é animada de uma vida factícia momentânea, que lhe permite obedecer à vontade do Espírito.

Certas pessoas quiseram ver no fato uma simples ilusão de óptica que, por uma espécie de miragem, as fariam ver uma mesa no espaço, quando realmente estava no solo. Se assim fosse, não seria menos digna de atenção. É curioso que aqueles que desejam contestar ou denegrir os fenômenos espíritas os expliquem por causas que, elas mesmas, seriam verdadeiros prodígios e igualmente difíceis de compreender. Ora, por que tratar o assunto com tanto desdém? Se a causa que apontam é real, por que não as aprofundam? O físico procura conhecer a razão do menor

movimento anormal da agulha imantada; o químico, a mais ligeira mudança na atração muscular⁵; por que, então, se veria com indiferença fenômenos tão estranhos como esses de que falamos, ainda que resultassem de um simples desvio do campo visual ou de uma nova aplicação das leis conhecidas? Isso não tem lógica.

Certamente não seria impossível que, por um efeito de óptica semelhante ao que nos permite ver um objeto dentro d'água mais alto do que realmente está, por causa da refração dos raios luminosos, uma mesa nos aparecesse no espaço quando na verdade estaria no chão. Entretanto, há um fato que resolve peremptoriamente a questão: é quando a mesa cai bruscamente no solo e quando se quebra; isso não nos parece uma ilusão de óptica. Mas voltemos à transfiguração.

Se uma contração muscular pode modificar a fisionomia, não o será senão dentro de certos limites; mas certamente se uma mocinha toma a aparência de um velho, nenhum efeito fisiológico lhe faria nascer a barba. É preciso, pois, buscar sua causa alhures. Se nos reportarmos ao que dissemos anteriormente sobre o papel do perispírito em todos os fenômenos de aparição, mesmo de pessoas vivas, compreenderemos que aí se encontra a chave do fenômeno da transfiguração. Com efeito, desde que o perispírito pode isolar-se do corpo e tornar-se visível; que, por sua extrema sutileza, pode adquirir diversas aparências, conforme a vontade do Espírito, concebe-se sem dificuldade que assim ocorra com uma pessoa transfigurada: o corpo continua o mesmo; somente o perispírito mudou de aspecto. Mas, perguntarão, em que se transforma o corpo? Por que razão o observador não vê uma imagem dupla, a saber, de um lado o corpo real e do outro o perispírito transfigurado? Fatos estranhos, dos quais em breve falaremos, provam que o corpo real pode, de alguma sorte, ser velado pelo perispírito, em consequência da fascinação que em tais circunstâncias se opera no observador.

5 N. do T.: Attraction musculaire, no original. O correto seria atração molecular.

O fenômeno que é objeto deste artigo já nos havia sido comunicado há muito tempo e, se dele ainda não havíamos falado, é por não ser nossa intenção fazer desta Revista um simples catálogo de fatos destinados a alimentar a curiosidade, uma árida compilação sem apreciação nem comentários. Nossa tarefa seria muito fácil, e nós a levamos mais a sério. Antes de tudo, dirigimo-nos aos homens de raciocínio, aos que, como nós, querem conhecer as coisas, pelo menos daquilo que nos é possível. Ora, ensinou-nos a experiência que os fatos, por mais estranhos e multiplicados sejam, de forma alguma são elementos de convicção; e o serão tanto menos quanto mais estranhos forem. Quanto mais extraordinário é um fato, tanto mais anormal nos parece e menos dispostos nos encontramos em dar-lhe crédito. Queremos ver e, quando vemos, ainda duvidamos; desconfiamos da ilusão e das conivências. Já não é assim quando encontramos uma causa plausível para os fatos. Todos os dias vemos pessoas que outrora atribuíam os fenômenos espíritas à imaginação e à credulidade cega e que hoje são adeptos fervorosos, precisamente porque agora esses fenômenos não lhes repugnam a razão; explicam-nos, compreendem a sua possibilidade e neles crêem, *mesmo sem os ter visto*. Antes de falar de certos fatos, tivemos de esperar que os princípios fundamentais estivessem suficientemente desenvolvidos, a fim de compreender suas causas. O da transfiguração está nesse número. Para nós, o Espiritismo é mais do que uma crença: é uma Ciência; e nos sentimos felizes por ver que nossos leitores nos compreenderam.

Diatribes

Certamente algumas pessoas esperam encontrar aqui uma resposta a certos ataques pouco respeitosos, dos quais a Sociedade, nós pessoalmente, e os partidários do Espiritismo, em geral, temos sido vítimas nos últimos tempos. Pedimos que se reportem ao artigo sobre a polêmica espírita, que encabeça o nosso número de novembro último, em que fizemos profissão de fé a esse

respeito. Apenas acrescentaremos algumas palavras, já que não nos ocupamos com discussões ociosas. Os que têm tempo a perder para sorrir de tudo, mesmo daquilo que não compreendem; tempo para a maledicência, para a calúnia ou para o deboche, que fiquem satisfeitos: não lhes criaremos nenhum obstáculo. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, composta de homens honrados pelo saber e por suas posições, tanto franceses quanto estrangeiros, médicos, escritores, artistas, funcionários, oficiais, negociantes, etc.; recebendo diariamente as mais altas notabilidades sociais e correspondendo-se com todas as partes do mundo, está acima da pequenez das intrigas, do ciúme e do amor-próprio; ela prossegue seus trabalhos na calma e no recolhimento, sem se inquietar com as piadas de mau gosto, que não poupam sequer as organizações respeitáveis.

Quanto ao Espiritismo em geral, que é uma das forças da Natureza, a zombaria será destruída, como aconteceu contra muitas outras coisas que o tempo já consagrou. Essa utopia, essa maluquice, como o chamam certas pessoas, já deu a volta ao mundo e nenhuma diatribe impedirá sua marcha, do mesmo modo que outrora os anátemas não impediram a Terra de girar. Deixemos, pois, que os zombeteiros riem à vontade, visto ser isso que lhes apraz; fá-lo-ão à custa do espírito. Riem bastante da religião: por que não haveriam de rir do Espiritismo, que é apenas uma ciência? Esperamos que nos prestem mais serviços do que prejuízos e nos façam economizar despesas com publicidade, porque não há um só de seus artigos, por mais espirituosos que sejam, que não tenha estimulado a venda de alguns de nossos livros ou não nos tenha proporcionado algumas assinaturas. Obrigado, pois, a eles pelo serviço que nos prestam involuntariamente.

Igualmente temos pouco a dizer quanto ao que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam, quer de maneira ostensiva, quer disfarçada, imaginam que nos perturbam, perdem seu tempo; se pensam em nos barrar o caminho, enganam-se do mesmo modo, pois nada pedimos e apenas aspiramos a nos tornar

úteis, no limite das forças que Deus nos concedeu. Por mais modesta seja a nossa posição, contentamo-nos com aquilo que para muitos seria mediocridade; não ambicionamos posição, nem honras, nem fortuna; não procuramos o mundo nem os seus prazeres; o que não podemos ter não nos causa nenhum desgosto e o vemos com a mais completa indiferença. Visto não fazerem parte de nossos gostos, não invejamos aqueles que possuem tais vantagens, se vantagens há, o que aos nossos olhos é um problema, porquanto os prazeres efêmeros deste mundo não asseguram melhor lugar no outro; pelo contrário. Nossa vida é toda de labor e de estudo e consagramos ao trabalho até os momentos de repouso. Aí nada há que cause inveja. Como tantos outros, trazemos a nossa pedra ao edifício que se levanta; entretanto, coraríamos se disso fizéssemos um degrau para alcançar o que quer que fosse. Que outros tragam mais pedras que nós; que outros trabalhem tanto e melhor que nós e os veremos com sincera alegria. O que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, venha de onde vier, pois não temos a pretensão de ver sozinho a luz; se disso deve resultar alguma glória, o campo a todos está aberto e estenderemos a mão a quantos nesta rude caminhada nos seguirem com lealdade, abnegação e sem segundas intenções particulares.

Sabíamos muito bem que, empunhando abertamente o estandarte das idéias de que nos fizemos propagadores e afrontando preconceitos, atrairíamos inimigos, sempre prontos a desferir dardos envenenados contra quem quer que levante a cabeça e se ponha em evidência. Há, entretanto, uma diferença capital entre eles e nós: não lhes desejamos o mal que nos procuram fazer, porque compreendemos a fragilidade humana e é somente nisso que a eles nos julgamos superior; nós nos rebaixamos pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas, mas nos elevamos pelo esquecimento das ofensas: eis a moral Espírita. Não vale ela mais do que a das pessoas que dilaceram o próximo? Ela nos foi ditada pelos Espíritos que nos assistem e por aí podemos julgar se eles são *bons* ou *maus*. A

moral espírita mostra-nos as coisas do alto tão grandiosas e as de baixo tão pequenas que não podemos senão lamentar os que voluntariamente se torturam para proporcionar a si mesmos alguma satisfação efêmera ao seu amor-próprio.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PAUL GAIMARD

Médico da marinha e viajante naturalista, falecido no dia 11 de dezembro de 1858, com 58 anos de idade. Evocado a 24 do mesmo mês por um de seus amigos, o Sr. Sardou.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Que desejais?

2. Qual é o teu estado atual?

Resp. – Erro como os Espíritos que deixam a Terra e que desejam avançar na senda do bem. Buscamos, estudamos e depois escolhemos.

3. Tuas idéias sobre a natureza do homem modificaram-se?

Resp. – Muito. Bem podeis avaliar.

4. Que pensas agora do gênero de vida que levaste durante a existência que acabas de deixar aqui na Terra?

Resp. – Estou contente porque trabalhei.

5. Para o homem, acreditavas que tudo se acabasse no túmulo. Daí o teu epicurismo e o desejo que algumas vezes exprimias de viver bastante para aproveitar a vida. Que pensas dos vivos que têm apenas essa filosofia?

Resp. – Eu os lamento, embora isso lhes sirva; com tal sistema podem apreciar friamente tudo quanto entusiasmo os outros homens, permitindo-lhes julgar de maneira sadia muitas coisas que fascinam os crédulos.

Observação – É a opinião pessoal do Espírito. Nós a damos como tal e não como máxima.

6. O homem que se esforça moralmente, mais que intelectualmente, age melhor do que aquele que se liga sobretudo ao progresso intelectual e negligencia o progresso moral?

Resp. – Sim. O progresso moral é mais importante. Deus dá o espírito como recompensa aos bons, enquanto o moral deve ser adquirido.

7. Que entendes por espírito que Deus dá?

Resp. – Uma vasta inteligência.

8. Entretanto há muitas pessoas más que possuem uma vasta inteligência.

Resp. – Já o disse. Perguntastes o que era preferível buscar adquirir e eu vos disse que o moral era preferível. Mas quem trabalha o aperfeiçoamento de seu Espírito pode adquirir um alto grau de inteligência. Quando entenderéis com facilidade?

9. Estás completamente desprendido da influência material do corpo?

Resp. – Sim. Aquilo que sobre isso vos foi dito não compreende senão uma classe da Humanidade.

Observação – Aconteceu muitas vezes que Espíritos evocados, mesmo alguns meses depois de sua morte, declararam encontrar-se ainda sob a influência da matéria. Entretanto, todos eles tinham sido homens que não haviam progredido moralmente, nem intelectualmente. É a essa parte da Humanidade que se refere o Espírito Paul Gaimard.

10. Tiveste na Terra outras existências além da última?

Resp. – Sim.

11. Esta última é a consequência da precedente?

Resp. – Não; houve um grande intervalo entre elas.

12. Malgrado esse longo intervalo, não poderia haver, entretanto, uma certa relação entre essas duas existências?

Resp. – Se me fiz entender, cada minuto de nossa vida é consequência do minuto que o precede.

Observação – O Dr. B..., que assistia a esta reunião, externou a opinião de que certas tendências, certos instintos, por vezes despertados em nós, bem poderiam ser o reflexo de uma existência anterior. Citou vários fatos perfeitamente constatados em mulheres jovens que, durante a gravidez, se viram impelidas a atos ferozes, por exemplo, uma que se lançou sobre o braço de um açougueiro e lhe deu grandes dentadas; outra que cortou a cabeça de uma criança e ela mesma a levou ao comissário de polícia; uma terceira que matou o marido, cortou-o em pedacinhos, salgou-o e dele se alimentou durante vários dias. O médico perguntou se aquelas mulheres não haviam sido antropófagas numa existência anterior.

13. Ouviste o que acaba de dizer o Dr. B...; nas mulheres grávidas, os instintos que conhecemos sob o nome de desejos não resultariam de hábitos contraídos numa existência anterior?

Resp. – Não; resultam de uma loucura transitória; de uma paixão no seu mais alto grau. O Espírito fica eclipsado pela vontade.

Observação – O Dr. B... faz notar que os médicos consideram realmente esses fatos como casos de loucura transitória. Nós compartilhamos essa opinião, mas não pelos mesmos motivos, pois as pessoas que não estão familiarizadas com os fenômenos espíritas geralmente são levadas a atribuí-los exclusivamente às causas que conhecem. Estamos persuadidos de que devemos ter reminiscências de certas disposições morais anteriores; diremos até que é impossível que seja de outro modo, pois o progresso não se realiza senão gradualmente. Mas aqui não

é o caso, e o que o prova é o fato de as pessoas mencionadas não demonstrarem nenhum sinal de agressividade fora de seu estado patológico; evidentemente, nelas só havia uma perturbação momentânea das faculdades morais. Reconhece-se o reflexo das disposições anteriores por outros sinais, de certa maneira inequívocos, e que desenvolveremos em artigo especial, apoiado pelos fatos.

14. Em tua última existência houve simultaneamente progresso moral e intelectual?

Resp. – Sim; sobretudo intelectual.

15. Poderias dizer-nos qual foi o gênero de tua penúltima existência?

Resp. – Oh! fui obscuro. Tive uma família que tornei infeliz; mais tarde o expiei amargamente. Mas por que mo perguntais? Isso já passou e agora me encontro em novas fases.

Observação – P. Gaimard morreu celibatário, com 64 anos de idade. Mais de uma vez lamentou não haver constituído um lar.

16. Esperas reencarnar dentro de pouco tempo?

Resp. – Não; antes eu quero pesquisar. Gostamos desse estado de erraticidade porque a alma tem mais domínio de si; o Espírito tem mais consciência de sua força; a carne pesa, obscurece e entrava.

Observação – Todos os Espíritos afirmam que no estado de erraticidade pesquisam, estudam e observam, a fim de poderem escolher. Não está aí a contrapartida da vida corporal? Muitas vezes não erramos durante anos, antes de nos fixarmos na carreira que julgamos mais adequada à nossa caminhada evolutiva? Por vezes não mudamos, à medida que avançamos em idade? Cada dia não é empregado na busca do que faremos no dia seguinte?

Ora, o que representam as diferentes existências corporais para os Espíritos, senão fases, períodos, dias da vida espírita que, como sabemos, é a vida normal, já que a vida corporal é transitória e passageira? Haverá algo mais sublime do que essa teoria? Não está em consonância com a harmonia grandiosa do Universo? Ainda uma vez, não fomos nós que a inventamos e lamentamos não possuir esse mérito; porém, quanto mais nos aprofundamos mais a achamos fecunda na solução de problemas até agora inexplicados.

17. Em que planeta pensas ou desejas reencarnar?

Resp. – Não sei: dai-me tempo para procurar.

18. Que gênero de existência pedirás a Deus?

Resp. – A continuação desta última; o maior desenvolvimento possível das faculdades intelectuais.

19. Parece que colocas em primeiro plano o desenvolvimento das faculdades intelectuais, atribuindo menor importância às faculdades morais, apesar do que disseste anteriormente.

Resp. – Meu coração ainda não se encontra bastante formado para bem poder apreciar as outras.

20. Vês outros Espíritos e com eles entras em relação?

Resp. – Sim.

21. Entre eles não haverá alguns que tenhas conhecido na Terra?

Resp. – Sim; Dumont-d’Urville.

22. Vês também o Espírito Jacques Arago, com o qual viajaste?

Resp. – Sim.

23. Esses Espíritos se acham nas tuas mesmas condições?

Resp. – Não; uns mais elevados; outros em posição inferior.

24. Referimo-nos aos Espíritos de Dumont-d'Urville e Jacques Arago.

Resp. – Não desejo particularizar.

25. Estás satisfeito por te havermos evocado?

Resp. – Sim; especialmente por causa de uma pessoa.

26. Podemos fazer algo por ti?

Resp. – Sim.

27. Se te evocássemos dentro de alguns meses, estarias disposto a responder ainda às nossas perguntas?

Resp. – Com prazer. Adeus.

28. Tu te despedes; concede-nos o prazer de dizer aonde vais.

Resp. – Neste ritmo (para falar como o fiz alguns dias atrás) vou atravessar um espaço mil vezes mais considerável que o percurso que fiz na Terra em minhas viagens, que eu considerava tão longínquas; e tudo isso em menos de um segundo, de um pensamento. Irei a uma reunião de Espíritos, onde tomarei lições e poderei aprender minha nova ciência, minha vida nova. Adeus.

Observação – Quem conheceu perfeitamente o Sr. Paul Gaimard confessará que esta comunicação está marcada pelo cunho de sua individualidade. Aprender, ver, conhecer era a sua paixão dominante; é isso que explica suas viagens ao redor do mundo e às regiões do pólo Norte, assim como suas excursões à Rússia e à Polônia, quando do primeiro surto de cólera na Europa. Dominado por essa paixão e pela necessidade de satisfazê-la, conservava um raro sangue-frio diante dos maiores perigos; assim,

por sua calma e por sua firmeza ele soube livrar-se das garras de uma tribo de antropófagos que o haviam surpreendido no interior de uma ilha da Oceania.

Uma palavra sua caracteriza perfeitamente essa avidez de ver fatos novos, de assistir ao espetáculo de acidentes imprevistos. “Que felicidade!” – exclamou certo dia durante o período mais dramático da revolução de 1848 – “que felicidade viver numa época tão fértil em acontecimentos extraordinários e imprevistos!”

Seu espírito, voltado quase exclusivamente para as ciências que tratavam da matéria organizada, negligenciara bastante as ciências filosóficas. Assim, poder-se-ia dizer que lhe faltava elevação nas idéias. Entretanto, nenhum ato de sua vida prova que alguma vez tivesse desconhecido as grandes leis morais impostas à Humanidade. Em suma, o Sr. Paul Gaimard tinha uma bela inteligência: essencialmente probo e honesto, naturalmente obsequioso, era incapaz de cometer a menor injustiça a quem quer que fosse. Talvez lhe possamos apenas censurar o ter sido demasiadamente amigo dos prazeres; mas o mundo e os prazeres não corromperam o seu raciocínio nem o seu coração. Por isso o Sr. Paul Gaimard mereceu os pesares de seus amigos e de quantos o conheceram.

Sardou

SRA. REYNAUD

Sonâmbula, falecida em Annonay há cerca de um ano. Embora iletrada em seu estado natural, sua lucidez era notável, sobretudo em questões médicas.

Um de nossos correspondentes que a conhecera, pensando que pudesse obter ensinamentos úteis, dirigiu-nos algumas perguntas para lhe serem feitas, caso julgássemos conveniente interrogá-la, o que fizemos na sessão da Sociedade do dia 28 de janeiro de 1859. Às perguntas de nosso correspondente acrescentamos as que nos pareceram interessantes.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. O que desejais de mim?

2. Tendes uma lembrança exata de vossa existência corporal?

Resp. – Sim, muito precisa.

3. Podeis descrever-nos vossa atual situação?

Resp. – É a mesma dos demais Espíritos que habitam a Terra: geralmente possuem a intuição do bem e, entretanto, não podem conseguir a felicidade completa, reservada somente aos mais elevados em perfeição.

4. Quando viva, éreis sonâmbula lúcida. Poderíeis dizer-nos se vossa lucidez de então era análoga à que tendes agora, como Espírito?

Resp. – Não; era diferente por não ter a prontidão nem a justeza que meu Espírito possui agora.

5. A lucidez sonambúlica é uma antecipação da vida espírita, isto é, um isolamento do Espírito em relação à matéria?

Resp. – É uma das fases da vida terrena; mas a vida terrena é a mesma que a vida celeste.

6. Que quereis dizer, afirmando que a vida terrestre é a mesma que a vida celeste?

Resp. – Que a cadeia das existências é formada de anéis seguidos e contínuos: nenhuma interrupção lhe detém o curso. Pode-se, pois, dizer que a vida terrestre é a continuação da vida precedente e o prelúdio da vida celeste futura, e assim por diante, para todas as encarnações que o Espírito venha a ter. Daí resulta que entre essas duas existências não há uma separação tão absoluta quanto pensais.

Observação – Durante a vida terrestre o Espírito ou alma pode agir independentemente da matéria, e em certos momentos o

homem desfruta da vida espírita, seja durante o sono, seja mesmo no estado de vigília. As faculdades do Espírito se exercem malgrado a presença do corpo, havendo, entre a vida terrestre e a de além-túmulo, uma constante correlação, que levou a Sra. Reynaud a dizer que era a mesma; a resposta subsequente definiu claramente o seu pensamento.

7. Por que, então, nem todos são sonâmbulos?

Resp. – É que ainda ignorais que todos vós o sois, mesmo durante o sono e em vigília, embora em graus diferentes.

8. Compreendemos que todos o sejamos mais ou menos durante o sono, pois que o estado de sonho é uma espécie de sonambulismo imperfeito. Mas o que quereis significar dizendo que o somos, mesmo em estado de vigília?

Resp. – Não tendes intuições que não percebeis, e que nada mais são que uma faculdade do Espírito? O poeta é um médium, um sonâmbulo.

9. Vossa faculdade sonambúlica contribuiu para o desenvolvimento do vosso Espírito depois da morte?

Resp. – Pouco.

10. No momento da morte estivestes perturbada muito tempo?

Resp. – Não; reconheci-me imediatamente: estava cercada de amigos.

11. Atribuíis à lucidez sonambúlica o vosso pronto desprendimento?

Resp. – Sim, um pouco. Já conhecia previamente a sorte dos agonizantes. Contudo, isso de nada me teria valido se eu não houvesse possuído uma alma capaz de encontrar uma vida melhor por outros meios que não fossem apenas ter boas faculdades.

12. É possível ser bom sonâmbulo sem que se possua um Espírito de ordem elevada?

Resp. – Sim. As faculdades estão sempre em relação; apenas vos enganais quando pensais que elas requeiram boas disposições. Não; o que julgais ser um bem muitas vezes é um mal. Como não compreendeis, irei desenvolver este assunto:

Há sonâmbulos que conhecem o futuro, contam fatos passados dos quais nenhum conhecimento possuem em seu estado normal; outros sabem descrever perfeitamente os caracteres daqueles que os interrogam; sabem dizer a idade com exatidão, assim como o montante de dinheiro que carregam consigo, etc. Isso não demanda nenhuma superioridade real; é simplesmente o exercício da faculdade que possui o Espírito e que se manifesta nos sonâmbulos adormecidos. O que requer uma real superioridade é o uso que dela podem fazer para o bem; é a consciência do bem e do mal; é conhecer Deus melhor que os homens; é poder dar conselhos aptos a fazê-los progredir na senda do bem e da felicidade.

13. O uso que o sonâmbulo faz de sua faculdade influi sobre o seu estado de espírito após a morte?

Resp. – Sim, e muito, assim como a boa ou má utilização de todas as faculdades que Deus nos concedeu.

14. Podeis explicar-nos como tínheis conhecimentos médicos, sem haverdes realizado nenhum estudo?

Resp. – É sempre uma faculdade espiritual: outros Espíritos me aconselhavam; eu era médium: é o estado de todos os sonâmbulos.

15. Os medicamentos prescritos por um sonâmbulo são sempre indicados por outros Espíritos ou também são dados instintivamente, como ocorre entre os animais, que vão procurar a erva que lhes é salutar?

Resp. – São-lhes indicados, caso o sonâmbulo peça conselho ou quando sua experiência não lhe seja suficiente. Ele os conhece por suas qualidades.

16. O fluido magnético é o agente da lucidez dos sonâmbulos, como a luz o é para nós?

Resp. – Não; é o agente do sono.

17. O fluido magnético é o agente da visão, no estado de Espírito?

Resp. – Não.

18. Vedes-nos aqui tão claramente como nos veríeis caso estivésseis viva com o vosso corpo?

Resp. – Melhor agora; o que vejo a mais é o homem interior.

19. Ver-nos-íeis igualmente se estivéssemos na obscuridade?

Resp. – Do mesmo modo.

20. Vede-nos tão bem, melhor ou pior do que nos veríeis quando viva, mas em estado sonambúlico?

Resp. – Melhor ainda.

21. Qual o agente ou intermediário que vos faz ver?

Resp. – Meu Espírito. Não tenho olhos nem pupilas, nem retina, nem cílios e, entretanto, vejo melhor do que vedes os vossos vizinhos; vedes através dos olhos, mas na verdade quem vê é o vosso Espírito.

22. Tendes consciência da obscuridade?

Resp. – Sei que ela existe para vós; não para mim.

Observação – Isso confirma o que sempre nos foi dito: a faculdade de ver é uma propriedade inerente à própria natureza do Espírito, residindo em todo o seu ser, enquanto no corpo é localizada.

23. A dupla vista pode ser comparada ao estado sonambúlico?

Resp. – Sim; trata-se de uma faculdade que não procede do corpo.

24. O fluido magnético emana do sistema nervoso ou está espalhado na atmosfera?

Resp. – Do sistema nervoso; mas o sistema nervoso o extrai da atmosfera, sua fonte principal. A atmosfera não o possui em si; ele vem dos seres que povoam o Universo: o nada não o produz. É, ao contrário, um acúmulo de vida e de eletricidade, liberada dessa multidão de existências.

25. O fluido nervoso é um fluido próprio ou resultaria da combinação de todos os outros fluidos imponderáveis que penetram nos corpos, tal como o calórico, a luz, a eletricidade?

Resp. – Sim e não. Não conheceis bastante esses fenômenos para falardes assim; vossos termos não exprimem aquilo que quereis dizer.

26. De onde provém o entorpecimento causado pela ação magnética?

Resp. – Agitação produzida pela sobrecarga do fluido que o magnetizado concentra.

27. O poder magnético do magnetizador depende de sua constituição física?

Resp. – Sim, mas muito mais de seu caráter; numa palavra: de si mesmo.

28. Quais as qualidades morais que no sonâmbulo podem auxiliá-lo a desenvolver a sua faculdade?

Resp. – As boas. Perguntastes as que podem auxiliar.

29. Quais os defeitos que mais o prejudicam?

Resp. – A má-fé.

30. Quais são as qualidades mais essenciais para o magnetizador?

Resp. – As do coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

31. Quais os defeitos que mais o prejudicam?

Resp. – As más inclinações, ou melhor, o desejo de prejudicar.

32. Quando viva e no estado sonambúlico vís os Espíritos?

Resp. – Sim.

33. Por que nem todos os sonâmbulos os vêem?

Resp. – Todos os vêem por momentos e em diversos graus de clareza.

34. De onde vem a certas pessoas que não são sonâmbulas a faculdade de ver os Espíritos no estado de vigília?

Resp. – Isso é dom de Deus, como para outros o são a inteligência e a bondade.

35. Essa faculdade procede de uma organização física especial?

Resp. – Não.

36. Pode-se perder essa faculdade?

Resp. – Sim, como pode ser adquirida.

37. Quais são as causas que podem determinar a sua perda?

Resp. – Já o dissemos: as más intenções. Como primeira condição, é necessário que se proponha a fazer bom uso dela; isso posto, deve-se julgar se tal favor é merecido, porquanto ele não é dado inutilmente. O que prejudica os que a possuem é que ela se mescla quase sempre a essa infeliz paixão humana que tão bem conheceis – o orgulho – mesmo quando desejam levar a melhores resultados. Vangloriam-se daquilo que não é senão obra de Deus e, muitas vezes, querem tirar proveito. Adeus.

38. Deixando-nos agora ireis a que lugar?

Resp. – Às minhas ocupações.

39. Poderíeis dizer-nos quais são essas ocupações?

Resp. – Como vós, tenho algumas. Primeiro procuro instruir-me e, para isso, freqüento a sociedade dos que são melhores do que eu; como entretenimento faço o bem e minha vida se passa na esperança de alcançar uma felicidade maior. Não temos nenhuma necessidade material a satisfazer e, conseqüentemente, toda a nossa atividade se volta para o nosso progresso moral.

HITOTI, CHEFE TAITIANO

Um oficial da marinha, presente à sessão da Sociedade no dia 4 de fevereiro último, mostrou desejo de evocar um chefe taitiano chamado Hitoti, que conhecera pessoalmente durante sua passagem na Oceania.

1. Evocação.

Resp. – Que quereis?

2. Poderíeis dizer-nos por que preferistes abraçar a causa francesa na Oceania?

Resp. – Eu gostava dessa nação. Aliás, meu interesse a tanto me obrigava.

3. Ficastes satisfeito com a viagem à França que facultamos ao vosso neto e com os cuidados que lhe dispensamos?

Resp. – Sim e não. Talvez essa viagem tenha aperfeiçoado bastante o seu Espírito, mas o tornou completamente estranho à sua pátria, facultando-lhe certas idéias que jamais brotariam dele.

4. Das recompensas que recebestes do governo francês, quais as que vos deram maior satisfação?

Resp. – As condecorações.

5. E entre essas condecorações, qual a que preferis?

Resp. – A da Legião de Honra.

Observação – Essa circunstância era ignorada do médium e de todos os assistentes; foi confirmada pela pessoa que fazia a evocação. Embora o médium que servia de intermediário fosse intuitivo, e não mecânico, como tal pensamento poderia ser dele mesmo? Poder-se-ia admiti-lo em se tratando de uma pergunta banal, mas isso não seria admissível quando se trata de um fato positivo, do qual nada podia dar-lhe uma idéia.

6. Sois mais feliz agora do quando éreis vivo?

Resp. – Sim, muito mais.

7. Em que estado se encontra o vosso Espírito?

Resp. – Errante; mas devo reencarnar brevemente.

8. Quais as vossas ocupações nessa vida errante?

Resp. – Instruir-me.

Observação – Essa resposta é quase geral em todos os Espíritos errantes; os que se acham mais avançados moralmente acrescentam que se ocupam em fazer o bem, assistindo os que necessitam de seus conselhos.

9. De que maneira vos instruíis, porquanto não deveis fazê-lo da mesma maneira que o fazíeis quando vivo?

Resp. – Não; trabalho meu Espírito; viajo. Para vós, compreendo que isto é pouco inteligível; mais tarde vireis a sabê-lo.

10. Quais as regiões que freqüentais com mais boa vontade?

Resp. – Regiões? Persuadi-vos de que não viajo mais à vossa Terra. Vou mais alto, mais baixo, acima e abaixo, moral e fisicamente. Vi e examinei com o maior cuidado mundos ao nascente e ao poente e que ainda se acham em estado de terrível barbárie e outros que se encontram imensamente acima de vós.

11. Dissestes que em breve reencarnaríeis; sabeis em que mundo?

Resp. – Sim; nele já estive várias vezes.

12. Podereis designá-lo?

Resp. – Não.

13. Por que em vossas viagens negligenciais a Terra?

Resp. – Já a conheço.

14. Embora não viajeis mais pela Terra, pensais ainda em algumas pessoas que nela amastes?

Resp. – Pouco.

15. Não vos ocupais, portanto, das pessoas que vos dispensaram afeição?

Resp. – Pouco.

16. Lembrai-vos delas?

Resp. – Muito bem; mas nós nos veremos e espero pagar tudo isso. Perguntam-me se me preocupo com isso? Não; mas nem por isso os esqueço.

17. Não revistes esse amigo ao qual eu aludia há pouco e que, como vós, está morto?

Resp. – Sim; mas nós nos veremos mais materialmente: encarnaremos na mesma esfera e nossas existências se aproximarão.

18. Nós vos agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo.

Resp. – Adeus. Trabalhai e pensai.

Observação – A pessoa que fez a evocação e que conhece os costumes desses povos, declara que esta última frase está de acordo com os seus hábitos; entre eles é uma locução de uso um tanto banal, e que o médium não podia adivinhar. Reconhece também que a entrevista, na sua inteireza, condiz com o caráter do Espírito evocado, e que sua identidade é evidente.

A resposta à pergunta 17 oferece uma particularidade notável: *Encarnaremos na mesma esfera e nossas existências se aproximarão*. É evidente que os seres que se amaram encontrar-seão no mundo dos Espíritos; mas, segundo várias respostas análogas, algumas vezes parece que eles podem seguir-se numa outra existência corporal, na qual as circunstâncias os aproximam sem que de nada desconfiem, quer por laços de parentesco, quer por relações amigáveis. Isto nos dá a razão de certas simpatias.

UM ESPÍRITO TRAVESSO

O Sr. J..., um de nossos colegas da Sociedade, por diversas vezes tinha visto chamas azuis passeando sobre o seu leito. Certo de que se tratava de uma manifestação, no dia 20 de janeiro último tivemos a idéia de evocar um desses Espíritos, a fim de nos instruímos sobre a sua natureza.

1. Evocação.

Resp. – Que queres de mim?

2. Com que objetivo te manifestaste na casa do Sr. J...?

Resp. – Que te importa?

3. A mim pouco importa, é verdade; mas para ele é diferente.

Resp. – Ah! Bela razão!

Observação – Essas primeiras perguntas foram feitas pelo Sr. Kardec. O Sr. J... prosseguiu com o interrogatório.

4. É que não recebo de bom grado qualquer pessoa em minha casa.

Resp. – Não tens razão; sou muito bom.

5. Dize, então, por favor o que vinhas fazer em minha casa?

Resp. – Por acaso acreditas que, pelo fato de ser bom, eu te deva obedecer?

6. Disseram-me que és um Espírito muito leviano.

Resp. – Julgaram-me muito mal a esse respeito.

7. Se é uma calúnia, prova-o.

Resp. – Não me incomodo.

8. Eu poderia empregar um meio para obrigar-te a dizer quem és.

Resp. – Palavra de honra, isso não poderia senão me divertir um pouco.

9. Intimo-te a dizer-me o que vens fazer em minha casa.

Resp. – Não tinha senão um propósito: divertir-me.

10. Isso não tem relação com o que me foi dito pelos Espíritos superiores.

Resp. – Fui mandado à tua casa e já conheces a razão. Estás satisfeito?

11. Mentiste, pois?

Resp. – Não.

12. Não tinhas, então, más intenções?

Resp. – Não; disseram-te o mesmo que eu.

13. Poderias dizer-nos qual é a tua posição entre os Espíritos?

Resp. – Tua curiosidade me agrada.

14. Pois que pretendes ser bom, por que me respondes de maneira tão pouco conveniente?

Resp. – Acaso eu te insultei?

15. Não; entretanto, por que respondes de maneira evasiva, recusando-te a dar as informações que te peço?

Resp. – Sob o comando de certos Espíritos, sou livre para fazer o que quiser.

16. Ora, ora, vejo que comesças a ficar mais razoável e imagino que iremos ter relações mais amigáveis.

Resp. – Deixa de palavreado: será muito melhor.

17. Sob que forma te apresentas aqui?

Resp. – Não tenho mais forma.

18. Sabes o que é o perispírito?

Resp. – Não; a menos que seja o vento.

19. Que poderia eu fazer para te ser agradável?

Resp. – Já te disse: cala-te.

20. A missão que vieste cumprir em minha casa fez que avançasses como Espírito?

Resp. – Isto é outra coisa; não me faças tais perguntas. Já sabes que obedeço a certos Espíritos; dirige-te a eles. Quanto a mim, peço para ir embora.

21. Acaso teríamos tido más relações em outra existência e seria isso a causa do teu mau humor?

Resp. – Não te lembras de quanto disseste mal de mim, a quem quisesse ouvir? Cala-te, digo-te eu.

22. De ti não falei senão o que foi dito pelos Espíritos superiores a teu respeito.

Resp. – Disseste também que eu te havia obsidiado.

23. Ficaste satisfeito com o resultado que obtiveste?

Resp. – Isso não é contigo.

24. Preferes então que eu conserve de ti uma má impressão?

Resp. – É possível. Vou-me embora.

Observação – Pelas conversas relatadas podemos constatar a extrema diversidade que existe na linguagem dos

Espíritos, conforme o seu grau de elevação. A dos Espíritos desta natureza é quase sempre caracterizada pela grosseria e pela impaciência. Quando são chamados às reuniões sérias sentimos que não comparecem de bom grado; têm pressa de partir porque não se sentem à vontade no meio de seus superiores e das pessoas que os embaraçam com perguntas. Não se dá o mesmo nas reuniões frívolas, onde nos divertimos com as suas facécias: estão no seu próprio ambiente e o aproveitam com alegria.

Plínio, o Moço

CARTA DE PLÍNIO, O MOÇO, A SURA – LIVRO VII – CARTA 27

O repouso que desfrutamos permite que ensineis e me permite aprender. Gostaria, pois, de saber se os fantasmas têm algo de real, se têm uma verdadeira fisionomia, se são gênios ou se não passam de imagens vãs, delineadas por imaginações perturbadas pelo temor. O que me leva a crer que há verdadeiros espectros é o que me disseram ter acontecido a Curtius Rufus. Na época em que ele não possuía nem fortuna nem nome, havia acompanhado à África aquele a quem coubera o governo. Ao cair da noite, passeava sob um pórtico quando uma mulher, de imagem e de beleza sobre-humanas, se lhe apresentou e disse-lhe: “Eu sou a África. Venho predizer o que te vai acontecer. Irás a Roma, ocuparás os maiores cargos e, em seguida, voltarás para governar esta província, onde morrerás.”

“Tudo aconteceu como ela havia predito. Diz-se mesmo que aportando em Cartago, ao sair do navio a mesma figura se apresentou a ele, vindo ao seu encontro no cais.

“O que há de verdade é que ele caiu doente e, julgando o futuro pelo passado, a infelicidade que o ameaçava pela boa sorte que havia desfrutado, logo desesperou de sua cura, a despeito da opinião otimista dos seus.

“Mas eis aqui outra história, não menos surpreendente e bem mais aterradora. Vou narrá-la tal qual a recebi:

“Havia em Atenas uma casa muito grande e muito confortável, mas desacreditada e deserta. No mais profundo silêncio da noite ouviam-se ruídos de ferros e, caso se prestasse mais atenção, um ruído de correntes, que de início parecia vir de longe para, em seguida, aproximar-se. Logo surgia um espectro semelhante a um velho, muito magro, bastante abatido, com uma longa barba, cabelos arrepiados, corrente nos pés e nos pulsos, que sacudia horrivelmente. Daí as noites horrorosas e insones para os habitantes daquela casa. A insônia prolongada trazia a doença, e esta, redobrando o pavor, era seguida da morte. Durante o dia, embora o espectro não aparecesse, a impressão que havia deixado o revivia sempre aos olhos de todos e o medo causado provocava novo temor. Por fim, a casa foi abandonada e deixada inteiramente ao fantasma. Entretanto, puseram um aviso de que estava exposta à venda ou para alugar, no pressuposto de que alguém, menos avisado de tão terrível incômodo, viesse a ser enganado.

“O filósofo Atenodoro veio a Atenas. Viu o aviso e perguntou o preço. A modicidade fez que desconfiasse; procurou informar-se. Contaram-lhe a história e, longe de interromper o negócio, cuidou de concluí-lo sem demora. Instalou-se e à tarde ordenou que preparassem seu leito no aposento da frente, que lhe trouxessem suas tabuinhas de escrever, sua pena e uma luz, e que as demais pessoas se retirassem para os fundos da casa. Temendo que sua imaginação chegasse a um temor tão frívolo que o fizesse acreditar em fantasmas, aplicou sua mente, seus olhos e sua mão a escrever. No início da noite um profundo silêncio reinou pela casa como por toda parte. Em seguida começou a ouvir o entrechoque de ferros e o barulho das correntes; não levantou os olhos nem deixou sua pena; tranqüilizou-se e se esforçou para escutar. O ruído aumentava e se achegava a ele; parecia surgir ao lado da porta do quarto. Ele olhou e percebeu o espectro, tal qual lho haviam descrito.

O fantasma estava de pé e o chamava com o dedo. Com a mão Atenodoro fez-lhe um sinal para que esperasse um pouco, continuando a escrever como se nada estivesse acontecendo. O espectro recomeçou o barulho com as correntes, ferindo os ouvidos do filósofo. Este olhou ainda uma vez e percebeu que continuava sendo chamado com o dedo. Então, sem mais demora, levantou-se, tomou da luz e o seguiu. O fantasma marchava a passo lento, como se o peso das correntes o oprimisse. Chegando ao pátio da casa, desapareceu de repente, deixando ali nosso filósofo, que apanhou ervas e folhas e as colocou no local em que ele o havia deixado, a fim de o poder reconhecer. No dia seguinte foi procurar os magistrados e pediu que mandassem escavar aquele lugar. Cavaram e encontraram ossos ainda presos às correntes; o tempo havia consumido as carnes. Depois que tudo foi cuidadosamente reunido fizeram o enterro publicamente, prestaram ao morto as derradeiras homenagens e, desde então, nada mais perturbou o sossego daquela casa.

“O que acabo de relatar eu o creio sob a palavra de outrem. Mas eis o que posso assegurar aos outros sob a minha própria fé:

“Tenho um liberto chamado Marcus, que absolutamente não é ignorante. Estava deitado com o seu irmãozinho quando lhe pareceu ver alguém sentado em seu leito e que aproximava uma tesoura de sua cabeça e chegava a cortar-lhe os cabelos acima da frente. Quando o dia nasceu percebeu que os cabelos haviam sido cortados no alto da cabeça e estavam espalhados à sua volta. Pouco depois semelhante aventura aconteceu com um de meus familiares e não mais me permiti duvidar da veracidade da outra. Um de meus jovens escravos dormia com seus companheiros no lugar que lhes era destinado. Dois homens vestidos de branco – é assim que ele o contava – vieram pela janela, raspam-lhe a cabeça enquanto estava deitado e se foram como tinham vindo. À luz do dia seguinte encontraram-no tosquiado, como haviam encontrado o outro, e os cabelos cortados achavam-se esparsos no chão.

“Essas aventuras não tiveram nenhuma consequência, a não ser que fui acusado perante Domiciano, sob cujo império elas ocorreram. Eu não teria escapado se ele tivesse vivido, pois encontraram em sua pasta uma petição contra mim, dada por Carus. Daí se pode conjecturar que, como o costume dos acusados é negligenciar os cabelos e deixá-los crescer, aqueles que haviam cortado os da minha gente indicavam que eu estava fora de perigo. Suplico, pois, que ponhais aqui toda a vossa erudição. O assunto é digno de profunda meditação e talvez eu não seja indigno de participar de vossas luzes. Se, conforme é vosso costume, fizerdes um balanço das duas opiniões contrárias, fazei com que a balança penda para algum lado, a fim de me tirar da inquietude em que me encontro, já que não vos consulto senão por isso. Adeus.”

**RESPOSTAS DE PLÍNIO, O MOÇO, ÀS PERGUNTAS QUE LHE FORAM DIRIGIDAS
NA SESSÃO DA SOCIEDADE DO DIA 28 DE JANEIRO DE 1859.**

1. Evocação.

Resp. – Falai; eu responderei.

2. Embora estejais morto há 1743 anos, tendes recordação de vossa existência em Roma ao tempo de Trajano?

Resp. – Por que, então, nós, Espíritos, não nos haveríamos de recordar? Lembrais-vos de muitos atos de vossa infância. Que é, pois, para o Espírito uma existência passada, senão a infância das existências pelas quais devemos passar antes de chegarmos ao fim de nossas provas? Toda existência terrena ou envolvida pelo véu material é uma caminhada para o éter e, ao mesmo tempo, uma infância espiritual e material: espiritual porque o Espírito ainda se acha no começo das provas; e material porque apenas está adentrando as fases mais grosseiras pelas quais deve passar, a fim de depurar-se e instruir-se.

3. Poderíeis dizer-nos o que tendes feito desde aquela época?

Resp. – Seria longo dizer o que fiz; procurei fazer o bem; sem dúvida não quereis passar horas inteiras até que eu conte tudo; contentai-vos, pois, com uma resposta. Repito: procurei fazer o bem, instruir-me e levei criaturas terrestres e errantes a se aproximarem do Criador de todas as coisas, daquele que nos dá o pão da vida espiritual e material.

4. Que mundo habitais agora?

Resp. – Pouco importa; estou um pouco em toda parte; o espaço é o meu domínio, bem como o de muitos outros. São questões que um Espírito sábio e esclarecido pela luz santa e divina não deve responder ou somente fazê-lo em ocasiões muito raras.

5. Numa carta que escrevestes a Sura relatais três casos de aparição. Lembrai-vos deles?

Resp. – Eu os confirmo, porque são verdadeiros. Tendes fatos semelhantes diariamente, aos quais não prestais a menor atenção; são bastante simples, contudo, à época em que eu vivia nós os achávamos surpreendentes. Não vos deveis admirar; deixai de lado essas coisas, pois tendes outras bem mais extraordinárias.

6. Entretanto, gostaríamos de vos dirigir algumas perguntas a respeito.

Resp. – Contanto que eu vos responda de maneira geral; isto vos deve bastar. Perguntai, pois, se fazeis questão absoluta; serei, no entanto, lacônico em minhas respostas.

7. No primeiro caso, uma mulher aparece a Curtius Rufus e lhe diz que é a África. Quem era essa mulher?

Resp. – Uma grande figura. Parece-me que ela é muito simples para homens esclarecidos, tais os do século XIX.

8. Qual a razão que impelia o Espírito que apareceu a Atenodoro, e por que aquele ruído de correntes?

Resp. – Marca da escravidão, manifestação; meio de

convencer os homens, de chamar-lhes a atenção, fazendo falar da coisa e provar a existência do mundo espiritual.

9. Defendias, perante Trajano, a causa dos cristãos perseguidos. Foi por simples razões humanitárias ou por convicção da veracidade de sua doutrina?

Resp. – Eu tinha os dois motivos, mas o aspecto humanitário ocupava o segundo lugar.

10. Que pensais do vosso panegírico de Trajano?

Resp. – Ele teria necessidade de ser refeito.

11. Escrevestes uma história do vosso tempo que se perdeu. Poderíeis reparar essa perda no-la ditando?

Resp. – O mundo dos Espíritos não se manifesta especialmente por estas coisas. Tendes certos tipos de manifestações, mas elas têm o seu objetivo: são outras tantas balizas, fincadas à direita e à esquerda na grande estrada da verdade; mas deixai-as de lado e não vos ocupeis com isso nem a isso consagreis os vossos estudos. A nós compete o cuidado de ver e julgar aquilo que vos importa saber. Cada coisa tem seu tempo; não vos afasteis, pois, da linha que vos traçamos.

12. Folgamos em prestar justiça às vossas boas qualidades e, sobretudo, ao vosso desinteresse. Dizem que não exigíeis coisa alguma dos clientes que defendíeis. Esse desinteresse era assim tão grande em Roma quanto o é entre nós?

Resp. – Não lisonjeeis as minhas qualidades passadas. Não lhes atribuo nenhuma importância. O desinteresse não é muito cultivado em vosso século. Em cada duzentos homens encontrareis apenas um ou dois verdadeiramente desinteressados; bem sabeis que é o século do egoísmo e do dinheiro. Os homens do presente são feitos de lama e revestidos de metal. Outrora havia coração, a verdadeira força dos Antigos; hoje só existe a posição social.

13. Sem pretender absolver nosso século, parece-nos que ainda é preferível àquele em que vivestes, onde a corrupção atingia o seu apogeu e a delação nada conhecia de sagrado.

Resp. – Faça uma generalização que é bem verdadeira. Sei que à época em que eu vivia não existia muito desinteresse; entretanto, havia aquilo que não possuí ou, pelo menos, que o possuí em dose muito fraca: o amor do belo, do nobre, do grande. Falo para todo o mundo. O homem do presente, sobretudo os povos do Ocidente, os franceses particularmente, têm o coração pronto para fazer grandes coisas, mas isso não passa de um relâmpago. Logo vem a reflexão e a reflexão pondera e diz: o positivo, o positivo antes de tudo; e o dinheiro e o egoísmo voltam a tomar a frente. Nós nos manifestamos justamente porque vos afastais dos grandes princípios dados por Jesus. Adeus. Ainda não o compreendeis.

Observação – Compreendemos muito bem que nosso século ainda deixa muito a desejar; sua chaga é o egoísmo e o egoísmo gera a cupidez e a sede das riquezas. Sob esse aspecto está longe do desinteresse de que o povo romano ofereceu tantos exemplos sublimes em uma certa época, mas que não foi a de Plínio. No entanto seria injusto desconhecer a sua superioridade em mais de um ponto, mesmo sobre os mais belos tempos de Roma, que também tiveram os seus exemplos de barbárie. Havia, então, ferocidade até na grandeza e no desinteresse, ao passo que o nosso século será marcado pelo abrandamento dos costumes, pelos sentimentos de justiça e de humanidade que presidem a todas as instituições que vê nascer e, até, nas querelas entre os povos.

Allan Kardec

